

UFGD UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

FACULDADE DE CIENCIAS HUMANAS

CURSO DE GEOGRAFIA

PROJETO DE PESQUISA

DINAMICA TERRITORIAL NO MUNICIPIO DE BODOQUENA-MS

A COLÔNIA DR. ARNALDO ESTEVÃO DE FIGUEIREDO

Valdir Escolástico Vieira

Aluno-bolsista/Geografia/UFGD/Fundect CNPQ

valdirevieira@hotmail.com

Márcia Yukari Mizusaki

Professora/Doutora/Geografia/UFGD/Fundect CNPQ

m.yukari@terra.com.br

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões a respeito do conceito de espaço e território, a partir de um estudo de caso: a colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, tomando como recorte cronológico às décadas de 1940 e 1950, contexto em que o quadro de transformações vivenciado pela região do município de Miranda no então Estado de Mato Grosso, Brasil. Nossa reflexão está baseada em dados levantados a respeito da Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, e também através de entrevistas semi-estruturadas com alguns moradores que ainda residem na região onde estava localizada a Colônia, além de levantamentos de dados em no cartório de 2º ofício e na prefeitura Municipal de Miranda. Porque a colônia Dr. Arnaldo Estevão de

Figueiredo nesta época década 1950, pertencia ao município de Miranda e somente em 1980 é desmembrado deste município se transformando em município independente cujo nome ficou Bodoque na.

A Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo produto de nossa investigação e reflexão, que se estivesse hoje sem transformações estaria localizada no município de Bodoque na, Estado de Mato grosso do Sul Brasil, que faz limites, com os seguintes municípios; ao Norte com Miranda, ao Sul com Bonito e Porto Murtinho, a Leste com Bonito e Miranda e a Oeste com Porto Murtinho e Corumbá.

Partimos da idéia de que o espaço o lugar o território e a paisagem estão presentes em todos os aspectos da dinâmica territorial, portanto a formação da Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, no município de Miranda MT, gera uma expectativa em torno da porção sul do município de Miranda originando, uma nova configuração sócio espacial na área, de interesses e intenções de Manoel de Pinho em criar uma colônia nesta porção do município de Miranda e isto resulta de um esforço muito grande por parte daqueles que se propuseram em tornar realidade à esperança de muitas pessoas, que tinham o grande sonho de possuir sua própria terra, seu pedaço de chão.

A existência da Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, pode ser compreendida, sob vários enfoques. A ênfase, aqui, é compreender a sua existência partindo da dimensão geográfica, sendo no território o nosso conceito norteador. “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator. Assim, o território é: [...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si”. (RAFFESTIN, 1993 p. 143-4). Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente o ator “territorializa” o espaço. Nesse sentido, entendemos a Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo como a territorialização da produção familiar Camponesa, por intermédio da ação do município e do Estado. Entretanto, essas famílias camponesas viveram e vivem, produziram e produzem e conceberam a Colônia a partir de diferentes trajetórias de vida, de diferentes olhares, ou seja, a partir de uma multidimensional idade do vivido territorial, conforme Raffestin (op. cit.), que atua como elemento importante na dinâmica territorial.

Falar de espaço, de paisagem, de lugar e de território cada um com sua complexidade variável. No presente trabalho, procuramos estabelecer a relação teoria x prática a partir de questões que nos motivaram a investigação da pesquisa: Como se deu o processo de implantação e transformações da Colônia Arnaldo Estevão de Figueiredo, estando esta vinculada ao processo de colonização desse período? Como foi organizado o processo de assentamento? Quais os requisitos exigidos para a posse documental da área? Como poderia ser vista a política agrária dos governos estaduais? Com a intenção de facilitar o acesso a essas terras inicialmente não existia um controle na emissão de autorização para utilização e uso da terra, espaço esse pertencente ao Estado.

A partir desses apontamentos iniciais, começamos a levantar questionamentos visando uma melhor compreensão das relações que desembocaram na formação e na transformação territorial da referida Colônia. Após levantamento bibliográfico inicial, não encontramos nenhuma pesquisa a colônia como parte do município de Miranda, apenas relatos mencionados nos livros de Arsênio Martins (1996) e Aristide João Teixeira (s.n.t.), antigos moradores desta região, o que justifica a relevância do tema para estudos geográficos. Para realizar este trabalho vinculou-se um desejo particular de um morador da Cidade de Miranda, com a preocupação de um vazio que desune o passado e o presente, no que concerne a história e a geografia do município de Miranda.

Vendo o crescimento e o movimento de colônias que se instalaram em algumas partes do Brasil, e que começava surgir no sul do Estado de Mato Grosso, como a Colônia Agrícola Municipal de Dourados, instalada na região da Grande Dourados e outras como em Itaporã. O senhor Manoel de Pinho, morador na Cidade de Miranda tinha um sonho de criar uma Colônia em seu município, pois percebia que a extensão de terra existente ali estava totalmente vazia desocupada e pensando nisso fez várias tentativas através de pedido para o governador do Estado, pois queria ver seu município crescendo entre os demais. Na capital do Estado, onde era centralizado todo o poder e a política, havia certo descaso por parte do Governador com os outros municípios. Predominava o pensamento contrário à formação de uma colônia às margens do pantanal, apesar da insistência de Manoel de Pinho.

Mas Manoel de Pinho insistia com a idéia de formação da colônia. Em meados do ano de 1946, ao visitar Campo Grande foi ao encontro do Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, morador nesta cidade e que exercia funções de confiança no Governo do Estado que era político de influencia na Capital do Estado e estava em vias de assumir o Governo do Estado no próximo ano, então Manoel de Pinho expõem seu projeto sua opinião ao Dr. Arnaldo a respeito das terras devolutas existentes naquele município, onde ali o Dr. Arnaldo, faz um compromisso com Manoel de Pinho, caso viesse governar o Estado doaria as terras que ele apontava como devolutas para que fosse implantada a Colônia. Em 1947 ambos assumem governos, Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo em Cuiabá como Governador do Estado de Mato Grosso e o Sr Manoel de Pinho como prefeito do Município de Miranda, logo no ano seguinte o senhor Manoel de Pinho conversa com o governador, e juntos, dão inicio ao processo de implantação da colônia. Nesse contexto surge a resistência dos moradores da cidade de Miranda, que eram contrários à formação da colônia. Pois a pequena burguesia existente nessa cidade dizia que não aceitava a implantação da colônia por se tratar de invasores e isso iria perturbar a paz da pacata cidade de Miranda e essa burguesia quando via qualquer pessoa que chegassem de fora era vista como forasteiro e isso vinham junto com problemas. O senhor Manoel de Pinho, se vê mais uma vez sem apoio para a execução de seu projeto, mas leva o projeto adiante, pois contava com o apoio do governador do Estado, o que era suficiente para colocar seu plano de implantação da Colônia e tornar realidade seu sonho.

Diante desse contexto, onde saíam rumores de que nesse estado se poderia conseguir terra para trabalhar, famílias de outros estados começam a migrar par Mato Grosso. Foi assim que no interior do Estado de São Paulo, uma família, desgostosa com sua produção que mal dava para o sustento dos 10 membros da família, resolvem sair em busca de um lugar que poderia morar e criar os filhos. Conforme relato do senhor Jose Preto Filho de João Preto que acompanhava seu pai na ocasião. O pai e dois filhos maiores ouvem dizer que no Mato Grosso poderiam encontrar terras para o trabalho, como eles estavam às margens da ferrovia que ligava Bauru (SP) a Corumbá (MT) embarcaram com destino a Miranda. Ao lá chegarem, foi ate a prefeitura pedir abrigo. Em conversa com o prefeito, contaram sua situação e tão logo terminado o relato, o prefeito lhes diz, tenho um lugar eles e para muito mais pessoas, bastando que tenha

coragem e muita força de vontade para enfrentar o sertão. Sendo eles do sertão, responderam com um sorriso que isso não era problema. (parte da entrevista com o senhor Jose Preto): E por falar nisso, onde fica esta região? Perguntou o senhor João ao prefeito. Com um pedaço de papel em mãos o senhor prefeito Manoel de Pinho descreveu a localidade, que era conhecida como uma terra sem dono e que alguns fazendeiros da região se intitulava como sendo de vossa propriedade. O senhor João olhou para seus filhos e disse: “Vamos enfrentar.” Os filhos concordaram em seguir com seu pai para dar início à busca pela terra.

Então o senhor João e seu dois filhos os dois mais velhos de um total de oito, seguiram as instruções e assim que o prefeito apontou a direção a serem seguida eles rumaram para aquela região. Após andarem por dois ou três dias em direção ao sul de Miranda pararam as margens do córrego Taquaruçu e construíram um barraco com palha de acuri (coqueiro existente naquela região) e assim deram início a colônia. Este local ficou conhecido e é até hoje como parada do Zé preto. A partir daí todas as famílias que ali chegavam fazia suas paradas obrigatórias para depois tomarem rumo das terras que iriam começar um trabalho, o senhor Manoel de pinho, muito atencioso quando encaminhava as famílias para a região ele sempre orientava para que não ultrapassassem as cercas que encontrassem pela frente, onde logo em seguida seriam doadas quarenta mil hectares de terra no vale da serra de Bodoque na, local este que ficou conhecido como colônia legal. Trata-se do início do ano de 1948, onde começa a realização do sonho de Manoel de Pinho. Neste mesmo período foi nomeado um agrimensor para que medissem os limites de cada área para os colonos, que dependendo do tamanho da família seria doado entre trinta quarenta ou cinquenta hectares para cada família.

Acontece que este agrimensor era morador de Miranda e era contrario a implantação da colônia, vindo a causar alguns transtornos ao senhor Manoel de Pinho prefeito de Miranda. Porem já não podia parar mais e o senhor Manoel de Pinho em contato com o senhor Governador do Estado de Mato Grosso Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, solicita a doação das terras pertencente ao Estado, e que em setembro de 1948 é efetuado a doação das terras para fins legais da implantação da colônia que receberia o nome do Governador em sua homenagem. Assim foram distribuído os

quarenta mil hectares de terras para que fossem utilizadas em plantio de diversas culturas como arroz milho feijão e mandioca.

E foi com esse espírito que as famílias motivadas pelo senhor Manoel de Pinho saíram de Miranda em sentido sul para ali se instalarem e dar início aos trabalhos de abertura de espaço e da localidade onde mais tarde se tornaria a colônia e que através do espaço escolhido para a formação de um lugar um território e assim dando um nova dinâmica a paisagem. Nas palavras de Ferraz (Espaço Plural 2º semestre 2006, p.18)

“O lugar restrito ao aspecto locacional em que se exerce o domínio territorial tendo como região a área delimitada ao redor do local em que o poder é exercido, portanto a paisagem se modifica a partir da expressão física das formas e imagens dos elementos que compõem dada região, isso vai para além da escala matemática em que se representa a organização dos elementos em dado espaço cartográfico”.

O lugar é o Território ao qual pertencço e onde construí minha identidade e meus referenciais de localização. No lugar o mundo se faz presente em e através de mim

“Um território antes de ser uma fronteira é um conjunto de lugares hierárquicos, conectados por uma rede de itinerários... No interior deste espaço-território os grupos e as etnias vivem certa ligação entre o enraizamento e as viagens... engloba ao mesmo tempo o que é mobilidade” (BONNDEMAISON, citado por HOLZER, 1997, p.83).

Território é o conjunto de lugares em que exerço minha existência em relação ao outro, construo minha autoconsciência e minha capacidade de locomoção e orientação.

“região as condições atuais com que se transformam continuamente, legando, portanto, uma menor duração no edifício regional. Mas isso não suprime a região apenas ela muda de conteúdo. A espessura do acontecer é aumentado, diante do maior volume de eventos por unidade de espaço e por unidade de tempo. A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem” (SANTOS, 1983, p197).

A região é onde os elementos que contextualizam minha existência se interacionam, em que local e o mundial se costuram numa teia complexa e dinâmica, estabelecendo os referenciais com que me construo culturalmente. Nela o mundo se expressa pelos parâmetros com os quais me identifico no mundo.

Podemos observar, então, que a origem da Colônia está ligada à intervenção municipal e estatal entre as décadas de 1940 e 1950, neste período foram beneficiadas em torno de 880 famílias que foram chegando e se instalando nesta região.

Assim, se dava em meio a um emaranhado de interesses e necessidades, funcionando como instrumento de sustentação de um conjunto de práticas ligadas ao ideário das exigências de crescimento, progresso e de desenvolvimento de um município, envolvendo trabalhadoras e trabalhadores na região do sul do município de Miranda. E foi assim, que, em 1948, o então governador do Estado de Mato Grosso Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo através do Decreto n. 457, de 30 de Setembro de 1948, publicado no diário oficial em 04 de outubro do corrente ano, confere ao município de Miranda, uma área de 40.000 hectares de terras para Colonização, conforme a Constituição do Estado. E que se tornaria suficiente a principio em função do número de famílias que se encontravam trabalhando e desenvolvendo a produção agrícola nesta região, mas a cada dia chegavam mais famílias e logo se torna insuficiente os lotes divididos onde mais tarde passam a ocupar parte das fazendas vizinhas, pelo excedente de famílias existente no local da colônia.

Essas famílias eram oriundas da região nordeste que ao chegarem a São Paulo em busca de riquezas acabavam por não encontrar um local ou um pedaço de terra para morar e criar seus filhos. Totalmente desprovidos de riquezas estavam há mercê da sorte em encontrar um local para moradia e o sustento da família, na grande maioria eram chamados por seus parentes que já residiam na colônia e mandavam comunicado através de cartas para que viessem para o Mato Grosso que tinha terra para todos e aqui viam a esperança de poder criar seu filhos com maior fartura. Muitos tinham passado por outros estados tentando conseguir trabalho para sobreviverem. Há relatos de pessoas de que saíram de São Paulo a pé e levaram meses até chegarem ao município de Miranda, terra da Colônia. E que ao lá chegarem, o sertanejo tinha que enfrentar a floresta densa onde escondia muitos perigos além dos animais selvagens, corriam o risco de pegar

doenças do tipo as feridas bravas transmitida através das mutucas pretas febre amarela e malária ou maleita tiraram muitas vidas nesta região, e também eles não contavam que além de enfrentar estes contrastes existia o fazendeiros que queriam expulsá-los das terras da região.

Como não havia estradas e nem pontes sobre os rios, os sertanejos improvisavam embarcações para atravessar o Rio Miranda e seguiam pelas trilhas deixadas pelos animais. A paisagem e o solo fértil era fator predominantes a atrair os sertanejos que ali chegavam. Na Colônia encontravam a solidariedade dos colonos que moravam nesta região e com a ajuda recebida preparavam a terra, plantavam suas sementes e retornavam à Miranda ou à sua cidade de origem para buscarem seus familiares que haviam ficado para trás e, assim, se firmavam na Colônia.

Esta região de solo muito fértil produzia arroz, feijão, milho e mandioca. Neste período chovia muito e era necessário que escolhessem um período de maior estiagem para plantar e colher com segurança. Porém, como não existia meios de escoar esta produção o excedente era dividido entre aqueles que não conseguiram uma colheita satisfatória. Outro fato que marcou o companheirismo e a solidariedade era quando uma pessoa ficava doente e tinha que sair da região. Reuniam um grupo de homens e colocava o doente em uma rede atravessava uma vara e iam revezando até chegar à cidade onde existia um médico – Miranda ou Aquidauana - que pudesse atender o doente. A Colônia distribuída entre às margens do córrego Taquaruçu no vale da serra de Bodoque na tinha outros córregos pequenos que assim formava uma bacia dentro do vale. Porém, as famílias trabalhavam muito, mas os recursos eram precários, e somente através de ajuda mútua era possível ter dias melhores e com isso todos acabavam se beneficiando e abrindo espaços pequenos para fazer suas plantações.

A Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, estava em pleno desenvolvimento no início da década de 50. Porém, o número de colonos morando nesta região ultrapassava os números de lotes distribuídos entre os colonos, em virtude das notícias se espalharam rapidamente e surgiam famílias de várias localidades em busca das terras doadas pelo Estado no município de Miranda. Mesmo que o acesso era muito difícil somente através dos picadeiros e (trilhas) deixadas pelos animais ferozes.

E por entenderem que se tratava de terras devolutas as sobra dos contingentes de famílias, acabavam invadindo as fazendas ao redor da Colônia legal. Assim, a origem e as transformações territoriais ocorridas através da intervenção estatal e municipal para a criação da Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo foi marcada pela desconfiança e restrição da Elite Burguesa da cidade de Miranda, pois os mesmos não acreditavam na possibilidade de ver o município crescer e desenvolver seu comércio local e dar um salto na ocupação de terras paradas sem produção no interior do município. A necessidade de assentar mais famílias gerou um conflito entre os latifundiários da região. São os desdobramentos sociais do caráter rentista da propriedade da terra *trabalho e terra de trabalho e terra de negócio* como analisou Martins (1991). A partir desses apontamentos iniciais, começamos a levantar questionamentos visando uma melhor compreensão das relações que desembocaram na origem e nas transformações ocorrida na referida Colônia. Compreender aspectos da dinâmica territorial na região de Bodoque na, Estado de Mato Grosso do Sul, a partir da análise dos sujeitos envolvidos na produção e no desenvolvimento do território na Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, especialmente, os colonos assentados.

Identificar, espacial e temporalmente, sujeitos sociais participantes do processo de criação e (re) produção da Colônia, caracterizar o perfil sócio-econômico dos trabalhadores da Colônia Reconstruir trajetórias de vida, individuais e conjuntas de moradores destas localidades nas suas lutas para entrar e permanecer na terra. Eram despossuídos de riquezas e viram nesta região a possibilidade de melhorias de suas vidas. Ao verificar a questão dos deslocamentos migratórios pode-se compreender que os indivíduos vivem sempre em processo de “mudanças sócio – espaciais”, e que esse processo migratório para a região sul do Mato Grosso, nesse período, década de 1940 e 1950, não consistia em um fato isolado, mas inserido no “contexto das migrações internas, decorrentes da Marcha para Oeste” (Menezes, 2004)

Entretanto, após determinado período de permanência no local começavam a ocupar outros espaços, por entenderem que aquelas terras eram devolutas enfrentavam os *grandes proprietários de terra, que não desenvolviam nenhuma atividade agrícola ou pecuária terras.*

Segundo Alcir Lenharo (1985) esse foi um período em que as empresas particulares, com o apoio de algumas facções políticas estaduais, adquiriram grandes áreas para implantação de colônias, o objetivo era povoar, mas também serviam como especulação imobiliária. Esse processo de reserva de áreas foi contestado pelo Governador do antigo Mato Grosso, Fernando Correa da Costa, quando dizia que aquela política prejudicava os interesses de particulares, que “ficavam impossibilitados de demarcar os seus lotes, pois o Estado não demarcara anteriormente suas reservas” (Lenharo, 1986, p51).

Segundo o senhor Jesuino Ormundo, morador na Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, confirma que o Governador Fernando Correa da Costa, tinha pensamentos contrários à implantação de colônias no Estado de Mato Grosso. Em contrapartida o governador Dr. Arnaldo, que contribuiu muito para a formação da colônia só pode contar com a ajuda de outro colega no governo o Dr. João Ponce de Arruda, que volta a dar atenção às terras da Colônia Arnaldo Estevão de Figueiredo, comprando e doando mais uma área de dez mil hectares para aqueles que não tinham ainda seu pedaço de chão e na oportunidade foi criada a primeira casa de uma vila que vinha a se chamar Campão e posteriormente distrito de Campão, aí começa uma nova fase desta região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, Arsênio. *Bodoque na - ontem e hoje*. [s.l.]: Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul (ANE), 1996.

MARTINS, Jose de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Vozes 1995.

_____ *Expropriação e violência*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MOREIRA, RUY. *Formação do espaço agrário brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Modo capitalista de produção e agricultura*. São Paulo: Ática, 1986.

RAFFESTIN, Claude. Território e poder. In: *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993. Tradução de: Pour une geographie du pouvoir. Paris: Litec, 1980. 269p. Tradução por Maria Cecília França.

TEIXEIRA Aristide João, *Bodoque na - luta glória de um povo*. [s.n.t.].

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço-tecnica e tempo razão e emoção* são Paulo: HUCITEC,1997

FRRAZ, CLAUDIO B. *OGeografia e Paisagem: entre o olhar e o pensar: Te. de* Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2002

HOLZER, Werther. *O lugar na geografia humanista. Território*,7Rio de Janeiro: Garamond,1997